

## Redescobrimo o maravilhoso em companhia de Lobato

Mariana Sbaraini Cordeiro  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Guarapuava - PR

Luciana Grade  
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO  
Guarapuava - PR

**Resumo:** O artigo traz o conceito de narrativa maravilhosa – fantástica, destacando a importância desta forma de narrativa na literatura infantil. Prossegue enfocando a vida e obra do escritor brasileiro Monteiro Lobato, enfatizando a obra *Reinações de Narizinho* e seus personagens na construção da narrativa fantástica, observando sua significação na formação dos leitores.

**Palavras-chave::** Monteiro Lobato. Literatura fantástica. Literatura maravilhosa. Literatura infantil.

**Abstract:** The aim of this article is to discuss the concept of wonderful narrative - fantastic, emphasizing the importance of this narrative in children's literature. It also focuses Monteiro Lobato's life and work. His book *Reinações de Narizinho* and their characters in the construction of the fantastic narrative are the center of this article in order to observe its significance in the little readers' formation.

**Key words:** Monteiro Lobato. Fantastic literature. Wonderful literature. Children's literature.

Viver em um mundo maravilhoso, cheio de fantasias é o que todas as crianças e muitos adultos desejam. A literatura é uma das formas de vivenciar isso, pois leva o leitor a andar por caminhos nunca antes percorridos e, portanto, dificilmente aceitos pelo real. Pensando nisto, Monteiro Lobato criou, em sua obra *Reinações de Narizinho*, um mundo maravilhoso recheado de emoções e seres imaginários, o qual desperta a curiosidade: como é criado esse mundo maravilhoso? Sabe-se que leitores, tanto crianças como adultos, buscam sempre algo diferente que as divirtam e, na maioria das vezes, a leitura fica distante por não ser atrativa. Mas o que se observa na obra de Monteiro Lobato, é totalmente diferente,

[...] um livro absolutamente original, em completo, inteiro desacordo com as nossas tradições didáticas, [...], em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a amostra do que podem os livros. (ARROYO, 1990, p. 200).

Este artigo abordará essa forma de narrativa usada por Monteiro Lobato, que constrói um mundo maravilhoso, explorando o poder do imaginário na literatura infanto-juvenil, atraindo crianças, jovens e adultos

para um mundo fantástico, repleto de emoções, aventuras e conhecimentos “[...] um mundo de leis totalmente diferentes das que existem no nosso; [...] tratando realmente de acontecimentos chocantes, impossíveis; mas que acabam por se tornar paradoxalmente possível.” (TODOROV, 1975, p. 180).

Analisar como os personagens ajudam a construir esta narrativa é fundamental, pois são responsáveis em abrir as portas do enredo para a magia, elevando o clima de fantasia vivida na obra, sendo essencial para atrair a atenção dos leitores, principalmente dos jovens leitores, pois proporciona uma visão pessoal e fantástica do mundo, sendo capaz de inserir o leitor em um mundo maravilhoso, cheio de aventuras, sentimentos e principalmente conhecimentos, que “Ensina a ver, a escutar, a pensar por si mesmo.” (HELD, 1980, p. 234).

Percebe-se o quanto é interessante esta forma de narrativa que chama a atenção de pequeninos leitores, fazendo-os encontrar-se com a literatura desde muito cedo, aprendendo a gostar de ler e adquirindo conhecimento para a vida sem perceber, pois o papel desta narrativa é construir indiretamente a personalidade dos leitores, tornando-os críticos e independentes para enfrentar as diversas situações que a vida lhes proporcionará,

Não é de maneira alguma dar à criança receitas de saber e de ação, por mais exatas que sejam.[...] é, antes de tudo indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. (HELD, 1980, p. 234).

Tendo em vista a importância dessa narrativa, este artigo fará uma análise da vida e obra do escritor Monteiro Lobato, com base em Marisa Lajolo e Leonardo Arroyo, que se dedicam ao estudo da vida e da obra deste escritor, aprofundando-se nas teorias de Tzvetan Todorov e Jaqueline Held - aquele por definir o conceito de Literatura Maravilhosa e Fantástica e esta por direcionar seus estudos para o poder do imaginário dentro das narrativas fantásticas na Literatura Infanto-Juvenil. Além destes, será de grande importância a fundamentação em Nelly Novaes Coelho que procura mostrar o elo de ligação entre o imaginário e o real, na obra de Lobato. Sendo estes suportes para o estudo da construção da narrativa maravilhosa na obra *Reinações de Narizinho*, a análise partirá dos pontos já citados, observando como acontece a fusão entre o real e o imaginário na literatura Lobatiana.

A forma como Lobato produziu sua obra, tornou possível a construção de um mundo imaginário e importantíssimo para despertar o gosto pela leitura nas crianças, formando assim, leitores que encontram na literatura uma fonte de descobertas e aprendizagens, não a vendo como algo obrigatório para a aquisição de conhecimentos, mas sim, como fonte de prazer que aproxima cada vez mais leitor e o conhecimento de um jeito muito maravilhoso.

A fantasia parece ocupar um lugar privilegiado na infância, abrindo as portas da imaginação para a literatura infantil. E, é neste território

da imaginação, que se situa a narrativa fantástica e a maravilhosa. São gêneros da literatura que procuram trazer em seus enredos uma forma mágica de realização, que leva os leitores para um universo fantástico onde tudo é possível.

“Nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida.” (TODOROV, 1975, p. 40). A história é marcada por diversos fatos imaginários que levam o leitor a questionar-se diante da ambiguidade dos acontecimentos e dos personagens, sendo esta uma das características da narrativa fantástica na qual leitor e personagem questionam-se diante do enredo, por ser marcado pela contradição entre os dois mundos, o do real e do irreal. (TODOROV, 1975).

A narrativa fantástica, na maioria das vezes, busca uma explicação sobrenatural para os fatos ocorridos, possibilitando a hesitação entre o real e o imaginário, com demarcações como: realidade ou sonho? Verdade ou ilusão?

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 1975, p. 35).

Nesta forma de narrativa, a maneira como o leitor vê e lê a obra é primordial, “O fantástico implica, pois numa interação do leitor no mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o leitor tem dos acontecimentos narrados, esse leitor se identifica com a personagem.” (TODOROV, 1939, p. 151). Verifica-se que é fundamental a percepção do leitor diante da narrativa fantástica, pois direciona a interpretação dos fatos através da vivência pessoal, hesitando entre uma forma ou outra de explicação para o fato vivido pelos personagens, pois, conforme este mesmo teórico, para que a narrativa fantástica se mantenha, não é necessária somente a existência de um acontecimento estranho ou da hesitação do herói e leitor, mas também um certo modo de ler, que pode definir-se negativamente para a obra.

Segundo a teoria de Todorov, a narrativa fantástica não cria novos mundos completamente dissociados da realidade, confunde elementos do imaginário e do real, afirma que é real aquilo que se está contando, apoiando-se em convenções da ficção realista, mas começa a romper esse suposto real à medida que introduz aquilo que é manifestado irreal. A toda hora questiona-se a natureza daquilo que se vê e se registra como real.

Muito próximo à narrativa fantástica, tem-se a narrativa maravilhosa, a qual centra-se entre o real e o imaginário, mas que não busca o questionamento sobre o mundo em que os personagens estão inseridos, “[...] maravilhoso ao contrário, se caracterizará pela existência exclusiva dos fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nos personagens.” (TODOROV, 1975, p. 60).

Assim como na narrativa fantástica, a narrativa maravilhosa também existe através do mundo imaginário, mas nesta, não há hesitação por parte do leitor ou personagens diante dos fatos narrados, ocorre uma aceitação sem provocar qualquer surpresa,

[...] maravilhoso puro, não tem limites claros. Neste caso os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para os acontecimentos que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. (TODOROV, 1975, p. 60).

Normalmente o gênero maravilhoso se relaciona ao conto de fadas e ambos não provocam surpresa - animais falam, personagens dormem durante anos ou viajam por diferentes mundos - sem preocupação em explicar como estes fatos tornaram-se possíveis, simplesmente há uma mágica no ar.

De acordo com Todorov (1975), há quatro ramos da narrativa maravilhosa que se apoiam em justificativas para explicar os fatos ocorridos; o maravilhoso hiperbólico, no qual os personagens referem-se sobre dimensões superiores às que não são familiares; o maravilhoso exótico, o qual narra acontecimentos sobrenaturais sem apresentá-lo de tal forma, supondo que a região seja desconhecida; o maravilhoso instrumental, que utiliza certos instrumentos de origens mágicas para fazer comunicação com outros mundos; o maravilhoso científico, em que o sobrenatural é explicado de maneira racional, partindo de leis desconhecidas.

Dessa maneira, verifica-se que o maravilhoso puro é a única narrativa que não procura algo para justificar sua história; simplesmente os fatos são aceitos, leitores e personagens vivem momentos mágicos sem qualquer questionamento ou explicação. “Maravilhoso implica que estejamos mergulhados num mundo de leis totalmente diferentes das que existem no nosso; por este fato, os acontecimentos não são absolutamente inquietantes. Ao contrário, “[...], trata-se realmente de uns acontecimentos chocantes, impossíveis; mas que se acaba por tornar-se paradoxalmente possível.” (TODOROV, 1975, p. 180).

Caracterizando assim, os relatos maravilhosos como aqueles que, mesmo situados fora do mundo da realidade, não abrem espaço para questionamentos sobre história, não há limites nítidos, “[...] é construído sempre por uma ruptura no sistema de regras preestabelecidas e acho nisso sua justificação.” (TODOROV, 1939, p. 164). Sendo assim, a narrativa fantástica define-se por acontecimentos sobrenaturais que despertam questionamentos sobre si, tendo sempre uma explicação sobrenatural, a narrativa maravilhosa é aquela que aceita todos os acontecimentos, sem que desperte dúvidas nos personagens ou leitores, sendo ambas diferentes uma da outra.

Já Jaqueline Held não faz distinção entre as duas teorias, busca uma forma de unificação, justificando que a narrativa maravilhosa não é tão usada atualmente, tornando-se assim mais plausível o uso do termo fantástico,

principalmente na literatura infantil, pois a fantasia é um elemento essencial para todas as crianças leitoras.

A noção de ‘maravilhoso’, ao longo do tempo, se degenerou, tornou-se fraca, vazia talvez de seu conteúdo mais real, mais denso. O que o maravilhoso nos lembra, nos dias de hoje, senão panóplia esclerosada de fadas, de príncipes, de varinha mágicas e de desejos logo satisfeitos? (HELD, 1980, p. 22).

Questiona sobre o que realmente o maravilhoso procura enfocar, não desfazendo em si a teoria da narrativa maravilhosa, mas sim, ressaltando que, atualmente os contos desta narrativa parecem desorganizados ou folclóricos, querendo desviar a atenção dos pequenos leitores diante dos problemas reais.

Pois, “[...] o conto maravilhoso não deve ser rejeitado e tem sua própria função, dentro de sua época, mas atualmente, a etiqueta fantástico nos parece bem melhor para salvaguardar a essência.” (HELD, 1980 p. 22). A autora declara-se contra os registros infantis atuais como nos contos de ninar das babás ou nos contos de evasão onde os príncipes casam-se com pastoras e as caçulas de grandes famílias conseguem atingir destinos brilhantes, fazendo com que tudo sempre acabe da melhor forma possível, visando sempre o conformismo.

O imaginário ‘do que nós ocuparemos não é esse pseudo-imaginário com função de esquecimento, de exorcismo e de diversão que desvia a criança dos problemas do mundo de hoje e de amanhã, busca algo mais significativo que atinja a criança completamente’, um fantástico próprio para a infância. (HELD, 1980, p. 24).

Descarta a utilização do fantástico (maravilhoso) que impede a criança de ver a realidade, definindo a narrativa fantástica como algo mais sólido e proveitoso,

A narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho [...] o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente tomados pela ciência. (HELD, 1980, p. 25).

Certamente a narrativa fantástica procura despertar a criança de um mundo de ilusões, em que os problemas da humanidade são mascarados por lobos ou dragões, lançando-as para um mundo de fantasias no qual os problemas existem para todos, no qual o poder de imaginar infantil é capaz de superar a todos, sem que a criança sofra com traumas ou angústias, mas sim que possua vastas formas de defesa,

[...] a verdadeira narração fantástica e de imediato, e por essência suscetível de varias leituras, pode ser compreendida, sentida, vivida em vários planos, revela-se multívoca. A narrativa fantástica convida em suma, mais que qualquer outra, a uma ‘leitura aberta’, ou mesmo as leituras sucessivas e múltiplas. (HELD, 1980, p. 30).

Quando a criança vive momentos faz de conta, tanto nas brincadeiras que realiza quanto na história que lê ou produz, ela está construindo sua própria identidade, está amadurecendo de forma construtiva:

[...] dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, aceleram essa maturação com manipulação flexível e lúcida da relação real – imaginário. É fornecer materiais para construção de sua brincadeira e a invenção de regras internas dessa brincadeira, mas também materiais para suas construções de história. (HELD, 1980, p. 53).

Na maioria das vezes, é através de histórias que a criança compreende o mundo em que vive e aprende como se defender nessa convivência, que favorece uns e desfavorece outros, passando a entender que toda a ação consiste numa consequência,

[...] a história fantástica pode perfeitamente, às vezes, sob falsa aparência de frivolidade, tocar em problemas graves, tornar a criança atenta e crítica, conduzi-la a interrogação mais experimentada e crítica, sobre os dramas do mundo que a cerca. (HELD, 1980, p. 169).

Percebe-se então, que a narrativa maravilhosa descrita por Todorov ou a fantástica defendida por Held, enquadram-se na mesma forma de narração, nas quais tanto o fantástico quanto o maravilhoso tratam de acontecimentos irrealis, mas totalmente aceitos por leitores e personagens. Ambos visam à formação do pequeno leitor, não apenas como mero decodificador de letras, mas sim, um ser preparado para viver e aproveitar a vida, com todos os prazeres e problemas que estiverem em seu caminho.

O fantástico parece construir uma dessas formas na medida mesma em que estimula a criança ao incerto, pela própria distância que cria, a uma interrogação, a um questionamento. Esse tipo de fantástico ocupa, no crescimento da criança, lugar capital. Tem papel decisivo a desempenhar. Assim como algumas formas de brincadeiras adulto-criança, baseadas precisamente no humor: papel de pseudomagia proposto em tom falsamente sério, que, logo, provoca a criança, e convida a contestar, a procurar e a encontrar onde se esconde a fraude. (HELD, 1980, p. 175).

Nesta perspectiva, a literatura infantil e a narrativa fantástica ocupam papel fundamental na formação de cidadãos livres, capazes de agir com bom senso e responsabilidades, sem se curvar ao condicionamento exercido pela sociedade, pois, literatura fantástica, poesia, música, dança “[...] desenvolvem a sensibilidade, a imaginação, que contribuem para a realização harmoniosa de um ser equilibrado e completo.” (HELD, 1980, p. 222).

A literatura, vista somente como forma de decodificação, reduz a percepção da criança, sendo que a literatura infantil deve estar de acordo com o interesse do jovem leitor para que este possa ler nas entrelinhas e evolua continuamente, através das opções de leitura que faz, “[...] a literatura infantil tem suas raízes em forma de comunhão com a infância, em conhecimento

direto ou indireto da evolução, dos interesses sucessivos da criança.” (HELD, 1980, p. 229).

Na maioria das vezes, o gênero fantástico não é totalmente aceito, pois atualmente, procura-se dar à criança saberes prontos e acabados, idealizando uma instrução em curto prazo, diferente da literatura fantástica, que busca agir em longo prazo, indiretamente, “[...] desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, e que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã saberá inventar o homem.” (HELD, 1980, p. 234).

Vários escritores direcionam suas obras para esta forma de narrativa. No Brasil, temos como principal representante Monteiro Lobato (1882-1944), conhecido pelo conjunto educativo que povoa a imaginação de seus leitores com as travessuras e descobertas de seus fantásticos personagens.

Sua infância foi povoada de aventuras e descobertas, com bonecos e bichos confeccionados pelo próprio Juca (como a família o chamava quando pequeno). Na casa do avô, o que mais lhe chamava a atenção era a biblioteca, especialmente os livros ilustrados.

Repentinamente, fica órfão de pai e de mãe. O avô materno, assume a tutela de José Bento e suas irmãs. Sob influência do avô, em 1990 ingressa na faculdade de Direito, mas é evidente seu desinteresse,

[...] a atenção às aulas era substituída pela caricatura dos professores, e a dedicação aos estudos jurídicos pela colaboração no *Jornal Onze de Agosto* e por atividades estudantis numa *Arcádia Acadêmica*. (LAJOLO, 2000 p. 16).

Integrante do grupo *Cenáculo*, funda a República Minarete que, mais tard, torna-se o nome do jornal de Pindamonhangaba, no qual Monteiro Lobato escreve com o pseudônimo de Yewski e vários outros. Nessa época, já havia descoberto suas duas maiores paixões, escrever e desenhar.

Promotor público em Areias, escreve muitos contos que, mais tarde, são publicados em um único livro,

Monteiro Lobato tentando preencher o ócio de um promotor público solteiro em Areias, cuja horas vagas são tantas, que datam daí muitos contos posteriormente publicados em revistas e mais tarde enfiados em *Urupês*, livro de contos de 1918. (LAJOLO, 2000, p. 21).

Casa-se com Purezinha em 1908, continua trabalhando como promotor e colaborando com a imprensa, mas insatisfeito com a vida,

[...] sonha com uma mudança radical de vida, que o livre do cotidiano monótono de promotor em uma cidade morta. As faltas de perspectivas levam a arquitetar alternativas que rompem com a pasmeira do dia-a-dia interiorano: pensa em transferir-se para outras comarcas, em abandonar a carreira e dedicar-se ao comércio abrindo uma venda onde chova dinheiro, cogita de negócios de estrada de ferro. (LAJOLO, 2000, p. 23).

Mas uma notícia triste muda seu caminho. Em 1911: o falecimento de seu avô, torna-o um rico proprietário rural. Procura transformar aquela situação de terras decadentes em uma fazenda produtiva,

[...] através de projetos que incluem a modernização da agricultura, a criação de cabras, galinhas e porcos, o recurso a especialistas, o cruzamento para a melhoria da criação. Além disso, novas frentes na lavoura, planta café, milho e feijão.” (LAJOLO, 2000, p. 24).

Por mais que se esforce, não consegue resolver os problemas relacionados à fazenda, e usando a literatura escreve o artigo *Velha Praga*, revelando toda a indignação vivida na época. O artigo, torna-o muito famoso e vem para confirmar a veia de bom escritor. Após a publicação de *Velha Praga*, Lobato, impiedoso lança *Urupês*, o que lhe garantiu grande repercussão. Os dois textos, com o personagem Jeca Tatu, lançam Lobato para a teia de escritores, tornando-o conhecido e discutido.

Famoso e requisitado para conferências e artigos, continua refazendo seus contos e discutindo com Godofredo Rangel, através de cartas, a vida na fazenda, planos para mudar de vida, mas estes nunca se concretizam. Até que, em 1917, vende a fazenda, muda-se com a família para São Paulo. Lá, mantém sua colaboração na imprensa, e em 1918, compra a Revista do Brasil.

[...] comprar a Revista do Brasil parece ter sido iniciação simbólica: passo audacioso e definitivo para a transformação do escritor Monteiro Lobato no escritor-editor que inaugurava a marca editorial Monteiro Lobato, com o livro de contos de sua autoria *Urupês*, lançado no mesmo ano de 1918. (LAJOLO, 2000 p. 28).

O sucesso com o empreendimento fortalece o projeto do escritor de ganhar dinheiro com livros. Nasce aí o editor Monteiro Lobato, que vê esta profissão como algo muito sério e lucrativo.

Lobato nunca paralisou diante das dificuldades, foi um escritor aprendiz, colaborador em jornais e revistas, escritor-editor de suas próprias obras e leitor das obras de outros. Mas o sucesso de seu empreendimento o fez deixar de lado o que mais gostava de fazer, como revela em uma carta ao seu amigo Rangel,

A minha obra literária, Rangel, esta cada vez mais prejudicada pelo comercio. Acho que é melhor encostar a coitadinha e enriquecer; depois de rico e, portanto, desinteressado de dinheiro, então desencosto a coitadinha e continuo. Que saudades do tempo em que eu também lia! A engrenagem não dá folga para a coisa nenhuma intelectual. Acabarei esquecendo ate o alfabeto. De fato, meu caro, já passei literariamente, e estou com a vida oca, porque era a literatura que me enchia. (LAJOLO, 2000.p. 34).

Depois de associar-se com uma empresa editorial da Argentina, o empresário é pego de surpresa na turbulência dos anos 20 e sua editora entra em crise. A situação tornou-se tal que só via uma saída: aplicar a falência,

como remédio legal e eficaz, embora isso fosse muito difícil. Mesmo saindo pobre da falência, Lobato sabe que o fracasso não lhe é atribuído. Sua garra e persistência não interrompem seu projeto editorial e em 1925 funda a Companhia Editora Nacional, “Está fundada a pioneira das grandes Editoras Modernas Brasileiras.” (LAJOLO, 2000,p. 59).

Nessa época, entre a falência e a fundação da Editora, Lobato publica *A menina do Narizinho Arrebitado*, e inicia sua mais bela invenção: o Sítio do Picapau Amarelo, inserindo-se no gênero infantil. Cria os personagens que até hoje são sucesso: Dona Benta, Tia Nastácia, Emília, Pedrinho e Visconde. Lobato inaugura a Literatura Infantil Brasileira e acrescenta mais um ponto em seu currículo,

[...] a obra infantil Lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil. Monteiro Lobato aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis – as personagens – cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor. (LAJOLO, 2000, p. 60).

Monteiro Lobato contribuiu de diversas formas na produção literária brasileira, mas destacou-se na Literatura Infantil, na qual produziu e traduziu riquíssimas obras. Seu entusiasmo era tanto, que pretendia conquistar inteiramente seu pequeno leitor,

De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo.[...] ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar como morei no Robinson e no Os filhos do Capitão Grant. (ARROYO, 1990, p. 205).

O início do sucesso da literatura infantil de Monteiro Lobato foi com o lançamento de *Narizinho Arrebitado*, o qual já trazia as bases da Literatura Infantil Brasileira,

[...] o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão. (ARROYO, 1990,p. 198).

Uma soma de valores que renova a literatura brasileira, destacando-se pela busca do coloquial brasileiro, marca do modernismo de Lobato.

*Narizinho Arrebitado* fez parte da literatura escolar desde o seu lançamento, quando vendeu, ao Governo do Estado, 30 mil exemplares, pois transcendia o simples fazer pedagógico. Lobato tornou-se o primeiro escritor nacional a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e em sua consciência crítica, com um projeto bem definido: fazer do leitor em formação um agente da transformação social brasileira em que a criança coloca-se no lugar do protagonista. O êxito obtido junto ao público jovem entusiasmou o escritor, que, finalmente, encontrou seu caminho, “Achara seu caminho, o seu destino Literário, inaugurando para as crianças brasileiras um novo mundo de perspectivas.” (ARROYO, 1990, p. 204).

Sua obra foi um divisor de águas frente aos autores que o antecederam. Conseguiu fazer com que a temática contemporânea estivesse presente em seus textos, sem abrir mão da intenção de oferecer uma literatura agradável, de fácil assimilação pelas crianças, com propostas bem humoradas e com reflexões críticas sobre dados do contexto histórico e social.

A relação existente entre o escritor e seus personagens era algo realmente diferente, fantástico.

O poder de criação de Monteiro Lobato alcançava meríficas relações. Imaginava receber cartas de seus personagens infantis, reclamando contra isto ou aquilo. Era comum escrever a seus amigos adultos, a Alarico Silveira, a Heitor de Moraes, ao seu neto Rodrigo, à sua nora Gulnara, dando conta de tais missivas, num contentamento realista, de criador que acreditava na sua própria criação. O mundo do Sítio de Dona Benta vivia realmente no coração do escritor. (ARROYO, 1990, p. 208).

Também aproveitava os retratos dos filhos dos amigos para dar mais vida aos personagens de seus livros e conquistar mais ainda seus pequenos leitores, como observa-se em um trecho da carta de Monteiro Lobato a Alarico Silveira:

Recebi uma cartinha muito curiosa do Alariquinho e agora quero que me mandes um retratinho qualquer dele. Estou escrevendo um novo livro para crianças [...] foram convidados, e compareceram, vários meninos e meninas de carne e osso da atual geração, entre os quais o Sr. Alariquinho, a Maria da Graça Sampaio e outros. Quero ter os retratinhos deles para que o desenhista daqui que vai me ilustrar esse livro apanhe as feições dos convidados. Fica interessante e vai ser uma alegria para eles. (ARROYO, 1990, p. 209).

Este realismo engrandecia sua obra, pois atuava lado a lado com seus leitores, fazendo-os se sentirem importantes e vivos no enredo “O seu mundo atuava na sensibilidade das pessoas, das crianças, como algo vigoroso e concreto. Resistia ao tempo. Ultrapassava-o.”(ARROYO, 1990 p. 209). Realmente, vivia em sintonia com a Literatura Infantil, estando presente em cada um dos habitantes do Sítio, ao mesmo tempo em que esses personagens representavam a realidade da criança brasileira. Sua literatura foi e é muito apreciada devido a sua ousadia, mudou o rumo da literatura infantil da época, sem medo das críticas e das turbulências vividas na época: “Nada de imitar seja quem for [...]. Temos de ser nós mesmos [...]. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.” (LOBATO, 1951, p. 82).

Ao analisar a obra *Reinações de Narizinho*, observa-se que Monteiro Lobato propõe uma literatura relacionada diretamente com a fusão entre a realidade e a magia, num enfoque totalmente pertinente à literatura infantil, mostrando o maravilhoso como possível de ser vivido por qualquer leitor.

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos. Lúcia [...], quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta de seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça

e guarda-chuva na mão-a maior das galantezas![...] até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. [...]. mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala.[...] Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente. - Muito boas tardes, senhor príncipe!-disse ele.[...]. (LOBATO, 1993, p. 8)

A fantasia, na obra, materializa-se ocupando o mesmo espaço que a realidade, dividindo conhecimentos e vivências com os personagens humanos da obra.

Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas. (*id.*, p. 14)

Ou, então:

Tia Nastácia havia perdido o medo aos bichinhos depois que viu que não mordiam. Chegou até a ficar amiga íntima da senhorita sardinha, ou Miss Sardine, como era chamada no reino, [...] Miss Sardine fez grande camaradagem com tia Nastácia. Logo que chegou foi se metendo pela cozinha adentro, a examinar tudo com uma curiosidade de mulher velha. E não parava com as perguntas. (*id.*, p. 71)

Os personagens fantásticos penetram na vida do sítio sem dar justificativa para os acontecimentos; os fatos não são questionados pela possibilidade da não realidade, interligando fantasia e realidade sem provocar hesitação por parte dos personagens ou leitores, caracterizando, assim, a narrativa maravilhosa,

Neste caso os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para os acontecimentos que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. (TODOROV, 1975, p. 60).

Como também se verifica na narrativa fantástica definida por Jacqueline Held, “[...] a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho.” (1980, p. 25). É através do ato da leitura que o leitor tem acesso direto ao universo mágico e criativo da narrativa fantástica, adquirindo conhecimentos através do prazer da leitura, sem contestar a magia vivida no enredo.

Nesta proposta de literatura, a fantasia não interrompe a narração, pelo contrário, é ela que dá o tom, pois se observa a interação de dois mundos que estão de tal forma fundidos na realidade dos personagens que se tornam essenciais para o desenrolar da trama, pois personagens de outras histórias são retomados em outros contextos participando de novas aventuras com as personagens ditas humanas,

Já estava cheio o palácio, não só de personagens do reino das abelhas como de muitos outros reinos, inclusive o das Águas Claras. Narizinho correu os olhos em procura dalgum conhecido. Viu logo o Major Agarra. (LOBATO, 1993, p. 38).

Ou, então:

Uma carruagem parou no terreiro. O marquês de Rabicó adiantou-se para perguntar de quem era. Em seguida abriu a porta e anunciou: - Senhorita Cinderela, a princesa das botinhas de vidro! (*id.*, p. 94)

Minutos de depois ouviu-se um *toc, toc, toc*. O marquês abriu a porta e anunciou: - A princesa Branca das Neves. (*id.*, p. 95)

Os personagens Pedrinho e Narizinho, as crianças do Sítio, podem ser considerados responsáveis por trazerem todos estes personagens fantásticos para a história. Com a inocência de criança conseguem contagiar os adultos da obra e os próprios leitores, fazendo com que todas as aventuras vividas sejam aceitas como normais. Tornam-se assim, o elo de ligação entre a realidade e a fantasia, pois vivenciam o maravilhoso cotidianamente, possibilitando a construção da narrativa fantástica definida por Held e Todorov. Conversam com borboletas, são amigos de espigas de milho que se tornam seres com vida e com opiniões próprias; um porco que passa a ser Marquês; viajam por terras distantes e desconhecidas ou conhecidas, através de outras histórias infantis; fazem contatos com reinos animais, escritores, etc.

Narizinho e Emília chegam ao palácio das Colméias, donde vários zangões saíram a recebê-las com gentis rapapés.- Salve, princesinha do Narizinho Arrebitado! – exclamaram eles, curvando-se.- Obrigada! – respondeu a menina, dando-lhes a mão para beijar. Recebi um convite da rainha. (*id.*, p. 36)

Ou, então,

Aquele é o senhor de La Fontaine, um francês muito sábio, que passa a observar a vida dos animais.[...] O senhor de La Fontaine, escrevia, escrevia [...] Acabamos de chegar do sítio de vovó e vimos a bengalada que o senhor pregou no focinho daquele lobo[...]. (*id.*, p. 138)

Todos os acontecimentos são recheados de aventuras, fantasias e aprendizagem, capazes de levar seus leitores a apegarem-se cada vez mais à leitura e a ampliar em seus conhecimentos. E, é em uma destas aventuras pelo mundo maravilhoso, “No Reino das Águas Claras” construído por Lobato, que a personagem Narizinho dá vida a um personagem fantástico, que fará parte do real apesar de ser uma boneca de panos, “ Emília engoliu a pílula falante, muito bem engolida, e começou falar no mesmo instante.”(p. 19). Torna-se uma personagem fantástica, que estará presente em todos os momentos da história, e que mantém uma relação natural com todos os personagens que participam do enredo. Certamente uma boneca falante causaria curiosidade e questionamento, mas não é o que acontece: o fato espanta os moradores, mas é aceito sem questionamentos:

-Corra, Nastácia! Venha ver esse fenômeno... A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental. -Que é, sinhá?-perguntou. -A boneca de Narizinho está falando!...

A boa negra deu uma risada gostosa, com a beicaria inteira. –Impossível sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê. –Mangando o seu nariz!-gritou Emília furiosa, falo sim, e hei de falar. [...] A negra abriu a maior boca do mundo. –E fala mesmo, sinhá!...-exclamou no auge do assombro. Fala que nem uma gente! (*id.*, p. 20)

Após o momento de susto vivido pelas duas personagens adultas, a fantástica boneca Emília que fala é aceita normalmente no sítio e passa a ser parte da família, sem que em momento algum, se voltem para a estranheza de uma boneca de pano falar.

A cada nova aventura, os personagens infantis, Pedrinho e Narizinho, envolvem-se mais com a fantasia e levam com eles os personagens adultos, que, de certa forma, trazem mais credibilidade ao maravilhoso narrado, como se percebe ao final da aventura no Reino das Águas Claras, quando Narizinho chega em casa e recebe a notícia de que terá uma visita, imediatamente pensa ser o sapo major ou um papagaio que conheceu e prometeram-lhe visitas. Sua avó Dona Benta diz que ela está enganada e quem chegará é o seu primo Pedrinho. Também se observa novamente que Dona Benta, uma pessoa adulta, não questiona a neta sobre suas possíveis imaginações,

Qual sapo, nem papagaio, nem elefante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos conosco é o Pedrinho, filho da minha filha Antonica. (*id.*, p. 20)

Todos os personagens envolvem-se nas aventuras fantásticas, sendo estes adultos, crianças, animais. A imaginação não tem limites, faz com que o maravilhoso se torne evidente e concreto, sem qualquer questionamento, como se observa nesta passagem da obra:

Pois apareceu por lá uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço ‘Menino’, disse-me ela, ‘não é aqui que moram duas velhas dugudéias em companhia duma menina de nariz arrebitado, muito malcriada’? Furioso com a pergunta, respondi: ‘não é da sua conta. Siga teu caminho que é melhor’. ‘Ah, é assim?’ exclamou ela. ‘Espere que te curo’! E me virou a mim em passarinho, virou vovó em tartaruga e tia Nastácia em galinha preta.” (*id.*, p. 43)

Encontramos também presente na obra o maravilhoso instrumental, teorizado por Todorov, o qual, segundo o autor, utiliza-se de instrumentos para justificar a possibilidade dos personagens viverem acontecimentos improváveis ou ilimitados, como o fato narrado por Lobato, que se justifica ao usar um determinado pó para que possam viver a aventura fantástica.

-Tudo pronto vovó?-gritou Pedrinho. –Parece que sim.-respondeu dona Benta.

-Nesse caso, cheire isto, vovó! -disse ele, tirando dum canudo uma pitada do pó mágico e chegando-a ao nariz da velha. – Oh, Pedrinho! - exclamou dona Benta escandalizada. Bem sabe que não tomo rapé. Todos caíram na gargalhada. – Não é rapé, vovó! É muito bom pó de pirlimpimpim, que Peninha me deu. Sem cheirar este pó nunca chegaremos ao País das Fábulas. (*id.*, p. 154)

Enfim, é no encontro com qualquer forma de Literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Neste sentido, a Literatura apresenta-se, não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. É fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade.

Até bem pouco tempo, a literatura infantil era considerada como um gênero secundário, e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da literatura infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural da sociedade, é bem recente.

É neste sentido que a literatura pode ser decisiva na formação da criança em relação a si mesma e ao mundo em sua volta, facilitando a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social, pois é através do fantástico - elemento mais importante na literatura destinada à criança - que o pequeno leitor vive momentos de prazer e emoções implícitas nas tramas e personagens que irão agir no seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nesta fase da vida.

Monteiro Lobato, objetivando cativar e conquistar um número cada vez maior de leitores, criou um mundo de faz de conta, utilizando-se de uma linguagem simples e clara, na qual realidade e sonho não tinham fronteiras definidas e o pó de pirlimpimpim era tão aceito e digno de crédito quanto os celebres bolinhos de Tia Nastácia, devorados pelos habitantes de Sítio, “Evidentemente, a linguagem que expressava tal fusão foi elemento fundamental. Fluente, coloquial, objetiva, despojada e sem retórica ou rodeios, [...] é dos que ‘agarram’ de imediato o pequeno leitor.” (COELHO, 1991, p. 122).

Por meio dos personagens do Sítio, Pedrinho e Narizinho, a infância se torna livre, o fantástico penetra na vida de todos os moradores e de todos os leitores, pois uma boneca de trapos (Emília), diz sempre a verdade, porque nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir; a espiga de milho, (o Visconde de Sabugosa) apesar de sábio e pedante, verdadeiro rato de biblioteca é desligado da vida, mas sabe de muitas coisas; Dona Benta, a avó sonhada por todos, expõe invariavelmente os fatos com clareza e sempre de ordem direta, vivendo juntamente com seus netos, fantásticas aventuras.

Cabe à fantasia da criança-leitora um espaço ativo de criação ou complementação criativa frente aos personagens. Lobato comprovou que uma boneca de pano ou um sabugo de milho são ricos de criatividade para

os leitores, exatamente porque são incompletos e permitem inusitadas personalizações estimulando a fantasia infantil (pois serve para mil coisas nas brincadeiras), mais que um brinquedo perfeito e acabado.

Monteiro Lobato resgata a dimensão crítica da infância. Seus personagens-crianças refletem sobre questões reais e imaginárias e ilustram, neste sentido, a própria condição do maravilhoso na infância, onde todos estão imersos no mundo fantástico e, ao mesmo tempo, no mundo real, com problemas e alegrias. Observa-se uma interação de dois mundos, um real e outro imaginário, mas que estão de tal forma fundidos na realidade dos personagens que não há espaço para dúvidas ou questionamentos, mas sim, espaços para aprendizagem e crescimento social, onde ir além é sempre possível.

### **Referências**

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria – análise – didática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

HELD, J. *O Imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*: Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. Moderna. São Paulo, 2000.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo, 1951.

\_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.